

A arbitrariedade nos trabalhos sobre iconicidade lexical

Arbitrariness in the study of lexical iconicity

Mahayana C. Godoy¹, Thayná Cristina Ananias²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CNPq (Brasil), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

RESUMO

É comum que estudos sobre iconicidade apresentem em oposição à arbitrariedade formulada no *Curso de Linguística Geral*. Defendemos que tal oposição é inadequada e limita a compreensão da relação entre forma e sentido nas línguas naturais. Este artigo revisa essa concepção e propõe reformular o entendimento de arbitrariedade em estudos sobre iconicidade lexical. Para isso, analisamos o estado da arte em pesquisas sobre iconicidade lexical em línguas orais e de sinais, identificando usos recorrentes do termo arbitrariedade. Argumentamos que parte da literatura contribui para uma reprodução acrítica dessa noção e equipara objetos teóricos de naturezas distintas ao contrastá-la com a iconicidade. Concluímos que fenômenos icônicos são abundantes e influenciam processos como aquisição e processamento da linguagem. Ainda assim, ao adotar uma noção limitada de arbitrariedade, estudos sobre o tema negligenciam aspectos importantes sobre as formas icônicas, especialmente sua convencionalização.

PALAVRAS-CHAVE:

Iconicidade. Arbitrariedade. Iconicidade Lexical. Convencionalização.

ABSTRACT

Studies of iconicity often present it in contrast to arbitrariness, as formulated in the *Course in General Linguistics*. We argue that such position is inadequate and limits the understanding of the relationship between form and meaning in natural languages. This article proposes a reformulation of the notion of arbitrariness in the studies on lexical iconicity. To this end, we examine the state of the art in research on lexical iconicity in oral and sign languages, identifying recurring uses of the term *arbitrariness*. We argue that part of the literature contributes to an uncritical reproduction of this term and equates theoretical objects of distinct natures when contrasting it with iconicity. We conclude that iconic phenomena are abundant and influence language acquisition and processing. Nevertheless, by adopting a limited notion of arbitrariness, studies on the topic overlook important aspects of iconic forms, especially their conventionalization.

KEYWORDS:

Iconicity. Arbitrariness. Lexical Iconicity. Conventionalization.

Recebido em: 26 ago. 2025

Aceito em: 25 out. 2025

¹ E-mail: mahayana.godoy@ufrn.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7499-3290>

² E-mail: thayna.ananias@ufrn.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6646-501X>

1. Introdução

Na chamada Primeira Parte do *Curso de Linguística Geral* (CLG), Ferdinand de Saussure³ desenvolve seu conceito de signo linguístico: a combinação de significante e significado que teria, como uma de suas “características primordiais” (2006 [1916], p. 81), o princípio da arbitrariedade. Nas palavras do texto, “[o] laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (Saussure, 2006 [1916], p. 81-83).

Outros autores já discutiram criticamente essa definição, questionando a compatibilidade do princípio de arbitrariedade frente à noção de significado, ou mesmo a possibilidade de a realidade não atravessar a noção de signo (Pichon, 1937; Benveniste, 1966). Neste artigo, não trataremos dessas questões. Destacaremos a equivalência que o trecho do CLG estabelece entre as expressões “arbitrário” e “imotivado”, com o objetivo inicial de compreender como a obra é recebida atualmente na literatura que trata de fenômenos que seriam, em sua concepção, não-arbitrários – em especial, em trabalhos sobre iconicidade. A partir daí, defenderemos que sinais⁴ vistos como icônicos por esses trabalhos também são arbitrários em uma leitura específica da arbitrariedade: a da convencionalização. Em nosso entender, a percepção de que signos icônicos são também arbitrários/convencionais abre possibilidades de pesquisa sobre como emergem e se organizam as formas motivadas identificadas na estrutura linguística. Por fim, destacaremos que há limites epistemológicos em se usar exemplos oriundos dos estudos de iconicidade para debater o conceito de arbitrariedade dentro do CLG.

Ao longo do artigo, limitar-nos-emos a tratar a iconicidade no nível lexical, considerando seus aspectos fonológicos (cf. Akumbu e Flaksman, 2025). Esses casos são aqueles em que a organização fonológica de um item lexical costuma mapear algum aspecto do seu sentido. Em português, por exemplo, temos “sussurro” e “chiado”, em que a presença de consoantes desvozeadas e de africadas, respectivamente, parece mimetizar o sentido dessas palavras. Outros itens, como “tropeço” ou “crocante”, mapeiam movimento e textura por meio de encontros consonantais, enquanto a reduplicação total ou parcial em palavras como “iô-iô”, “zanzar” e

³ Reconhecemos a natureza compilatória do CLG por edição de seguidores, de forma que a autoria de Saussure não pode ser perfeitamente resgatada, porém, optamos por utilizarmos referência direta devido à autoria historicamente atribuída.

⁴ A definição de iconicidade adotada para este trabalho será posteriormente detalhada, mas, com o objetivo de marcar a diferença entre os objetos de estudo do CLG e deste artigo, será utilizada, nesse primeiro momento, a terminologia *sinais* para os objetos tratados na literatura sobre iconicidade.

“ziguezague” mimetizam, em sua forma, algum aspecto dos sentidos evocados. Partindo de observações como essas, estudos têm demonstrado que a organização fonológica de algumas palavras guarda relação com seu sentido de maneira sistemática. Isso ocorre pela seleção de fonemas específicos em determinadas partes do léxico (e.g., vogais altas/baixas em adjetivos que indicam magnitude, cf. Winter e Perlman, 2021), e/ou pelo uso de estruturas marcadas, que tendem a ser percebidas como particularmente icônicas (Dingemanse e Thompson, 2020). Devido ao nosso recorte, farto material sobre iconicidade em outros níveis linguísticos, que vão da morfologia à representação discursiva, não são levados em consideração. Por essa mesma razão, também não trataremos daquilo que o CLG define como motivação relativa.

Iniciaremos nossa discussão apresentando duas leituras possíveis da arbitrariedade no CLG, considerando como a obra é recebida em estudos sobre fenômenos icônicos. Em seguida, revisamos trabalhos recentes sobre iconicidade lexical, marcando sua pertinência nos estudos linguísticos e a distinção epistemológica entre aquilo que tais estudos definem como iconicidade e a arbitrariedade saussureana. Por fim, discutimos a concepção de arbitrariedade coerente aos achados sobre iconicidade.

2. As duas leituras da arbitrariedade nos estudos sobre iconicidade

Ao detalhar sua definição de arbitrariedade, o texto do CLG traz a advertência de que a arbitrariedade não prevê o domínio do indivíduo sobre o signo. No trecho destacado a seguir, a noção de “imotivado” é equiparada à arbitrariedade, e o termo é usado para negar uma relação natural entre significado e significante estabelecida na realidade.

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido em um grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (Saussure, 2006 [1916], p. 83).

Uma leitura possível do texto é a de que se a realização sonora do significante estabelece alguma relação com outro som ou referente externo à língua, esse fenômeno estaria fora do terreno da língua em um recorte saussuriano. A ligação que constitui o signo linguístico – entre significante e significado –, essa sim seria sempre arbitrária, pois prescinde de qualquer relação exteriormente motivada (Joseph, 2015).

Apesar de essa ser uma interpretação desejável do excerto considerando os marcos do quadro teórico da obra, entendemos que o uso do termo “imotivado” e a direção argumentativa do texto tenham dado margem a outras interpretações que são correntes em estudos que revisitam a questão da ligação entre a forma linguística e seu sentido. Para ilustrarmos como o termo é recebido nesse contexto, analisamos alguns trechos de artigos que versam sobre iconicidade e simbolismo sonoro. Uma definição desses fenômenos será dada mais adiante; por enquanto, basta dizer que ambos descrevem relações de semelhança entre a forma e o sentido de expressões linguísticas a que os falantes de uma língua parecem estar suscetíveis.

Tabela 1 – Algumas citações sobre iconicidade e simbolismo sonoro ao longo do séc. XXI

Citação	Fonte
“É cada vez mais reconhecido que o ditado saussuriano da ‘arbitrariedade do signo linguístico’ está em conflito com a difusão do fenômeno vulgarmente conhecido como ‘simbolismo sonoro’.” ⁵	(Ahlnér e Zlatev, 2010, p. 298)
“O oponente mais célebre da hipótese do simbolismo sonoro foi, naturalmente, Ferdinand de Saussure [...].” ⁶	(Magnus, 2013, p. 201)
“As associações entre sinais linguísticos e seus significados são em grande parte arbitrárias (De Saussure, 1983), mas muitas línguas contêm elementos icônicos.” ⁷	(Tamariz <i>et al.</i> , 2018, p. 334)
“A iconicidade se opõe à arbitrariedade do signo (de Saussure, 1916).” ⁸	(Sidhu <i>et al.</i> , 2023, p. 2)

Como se pode observar, ainda que o CLG não tenha definido arbitrariedade em oposição a iconicidade, isso é feito por inúmeros trabalhos que tratam de fenômenos que dizem respeito a alguma relação de semelhança entre forma e sentido. A partir daí, a dicotomia arbitrário/icônico tem sustentado perspectivas que opõem signos sem qualquer motivação aparente entre significante e significado (arbitrários) a signos cujo significante evocaria aspectos do seu significado por meio de sua forma (icônicos) (Perniss, Thompson e Vigliocco, 2020; Godoy *et al.*, 2018). Essa interpretação decorre, possivelmente, do próprio uso do termo “imotivado” no CLG e da relação estabelecida (ainda que em tom de negação) entre motivação e onomatopeias.

Sobre esse último ponto, o CLG menciona que um possível contraexemplo à tese da arbitrariedade poderia ser apresentado por meio da presença, no léxico, das onomatopeias e de certas palavras como *fouet* (“chicote”, em francês) que poderiam “impressionar certos ouvidos por sua sonoridade sugestiva” (2006 [1916], p. 83). Segundo o texto, no caso dessas últimas

⁵ “It is being increasingly recognized that the Saussurean dictum of ‘the arbitrariness of the linguistic sign’ is in conflict with the pervasiveness of the phenomenon commonly known as ‘sound symbolism’” (Ahlnér e Zlatev, 2010, p. 298).

⁶ “The most celebrated opponent of the sound symbolism hypothesis was, of course, Ferdinand de Saussure” (Magnus, 2013, p. 201).

⁷ “The associations between linguistic signals and their meanings are largely arbitrary (De Saussure, 1983), but many languages contain iconic elements” (Tamariz *et al.*, 2018, p. 334).

⁸ “Iconicity stands in opposition to the arbitrariness of the sign (de Saussure, 1916)” (Sidhu *et al.*, 2023, p. 2).

palavras deve-se considerar que sua origem etimológica não é tão expressiva, e que “a qualidade de seus sons atuais, ou melhor, aquela que se lhes atribui, é um resultado fortuito da evolução fonética” (2006 [1916], p. 83). Destacamos a menção, no CLG, de que a impressão expressiva da sonoridade não é própria da palavra, mas atribuída a ela (“se lhes atribui”, “impressiona certos ouvidos”), um ponto a que retornaremos mais adiante neste artigo.

Além dessas palavras, o CLG menciona o que seriam “onomatopeias autênticas” (2006 [1916], p. 83), palavras imitativas de outros sons como “tic-tac”, “glu-glu”, e argumenta que são elas, também, um exemplo de arbitrariedade. Dois argumentos principais sustentam essa observação. Primeiro, haveria o fato de as onomatopeias serem apenas uma imitação aproximativa de certos ruídos, variando de língua para língua. Além disso, as poucas onomatopeias que ingressam no léxico da língua passam por mudanças morfonológicas que espelham o que ocorre com outras palavras, “prova evidente de que [as onomatopeias perdem] [...] algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que é imotivado” (2006 [1916], p. 83).⁹ Ainda que se reivindique às onomatopeias e às palavras expressivas o seu caráter arbitrário – e, portanto, imotivado –, esses trechos acabam por reforçar a possibilidade de que, se houvesse algum exemplo mais próximo de uma relação motivada entre significante e significado, essas palavras seriam o melhor exemplo disso.

Um conceito abordado no CLG que se caracterizaria por ser motivado é o símbolo, uma vez que ele “tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre significante e significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituída por um objeto qualquer, um carro, por exemplo” (Saussure, 2006 [1916], p. 82). Ao discutir as onomatopeias juntamente às interjeições, o texto conclui que “sua origem simbólica é em parte contestável” (2006 [1916], p. 84), dando margem à interpretação de que, ao menos parcialmente, é possível pensar em alguma relação simbólica (portanto, motivada) na origem de tais termos.

A partir desses elementos, vemos que a compreensão de iconicidade como oposta à de arbitrariedade se sustenta em uma leitura específica do que seria a motivação: certa semelhança entre significante e significado. Soma-se a isso o fato de que muitos estudos sobre a iconicidade não definem seu objeto como uma relação de semelhança entre um som e um referente extralingüístico, mas entre representações mentais de forma e sentido (Emmorey, 2014; Wilcox,

⁹ Nesse último ponto, o CLG cita a emergência de *pigeon* (“pombo”) como derivada de *pīpiō*, do latim, palavra de provável origem onomatopaica.

2004; Grote e Linz, 2003). Nesse cenário, a interpretação de que a arbitrariedade se oporia à iconicidade ganha força por se estabelecer certa equivalência entre as representações mentais de forma e sentido e aquilo que Saussure define como significante e significado. Há problemas com essa equiparação (que serão discutidos a seu tempo neste artigo), mas essa é a leitura mais corrente de arbitrariedade nos trabalhos sobre fenômenos de ordem icônica.

Contudo, é possível, ainda, depreender uma segunda interpretação de arbitrariedade no CLG. Referimo-nos à interpretação de que o signo é arbitrário pois é a convenção social – e não qualquer outro fator – que o estabelece no sistema de uma língua. Em outras palavras, como não há vínculo natural entre significante e significado, adota-se aquele signo partilhado pela massa de falantes na qual se está inserido. É porque cada comunidade de fala convencionou um certo signo que ele funciona (i.e., produz significado) dentro de um sistema linguístico, independentemente de sua cadeia sonora.

Recuperamos mais uma vez o exemplo das onomatopeias para destacar que, no CLG, observa-se vínculo estreito entre convenção e não-motivação quando se afirma que, para essas palavras, a relação entre significante e significado já seria “em certa medida, arbitrária, pois não passam de imitação approximativa e já meio convencional de certos ruídos” (2006 [1916], p. 83). Percebe-se, nesse trecho, que a própria existência de uma convenção já basta para caracterizar um signo como arbitrário. O conceito de arbitrariedade, portanto, parece comportar também (e principalmente) a noção de *convenção*.

Para divisar melhor os limites entre convenção e não-motivação, continuemos no campo das onomatopeias e tomemos aquelas que evocam o som de um galo em três línguas: “cocoricó”, do português, “quiquiriquí”, do espanhol, e “kokekokko”, do japonês. Não é possível dizer que uma forma seja melhor ou mais apropriada que outra, e todas são usadas sem qualquer problema pelas populações que as adotam. Nesse ponto, a observação saussureana de que mesmo as onomatopeias se estabelecem por convenção (e, portanto, seriam arbitrárias) é acertada. Contudo, é possível dizer que, nesses casos, não há qualquer motivação entre significado e significante? Uma resposta a essa pergunta depende, por óbvio, da definição de *motivação* usada. Adotemos aqui aquela mais corrente nos textos que caracterizam fenômenos icônicos: uma relação de semelhança entre forma e sentido (postos, em alguns trabalhos, como equivalentes a significante e significado). Percebe-se que as formas apresentadas têm características comuns que visam recuperar o cantar de um galo: são todas de longa extensão, há repetição de vogais e estrutura silábica, além de tônica na última sílaba. Se é verdade que cada língua convaciona sua

própria maneira de representar certos ruídos, como aponta o CLG, também parece correto afirmar, com relação ao menos às onomatopeias, que há certa motivação na escolha de cada um dessas formas. Nessa leitura, o signo não seria arbitrário no sentido de falta de motivação entre significante e significado.

A partir da relação estreita entre não-motivação e convenção, destacamos aqui duas leituras possíveis para o termo “arbitrariedade”. Primeiramente, temos a noção de arbitrariedade-como-imotivado, definida como uma relação não-motivada entre significante e significado ou, no caso dos estudos sobre iconicidade, entre forma e sentido. Para além dessa definição, temos também a arbitrariedade-como-convenção, a noção de que o signo é arbitrário porque não há obrigatoriedade de que certas cadeias fônicas sejam usadas para relacionar significante e significado, dado que ele se estabelece convencionalmente. Mesmo para onomatopeias, quando há alguma relação motivada entre significante e significado, o significante define-se por convenção.

Ainda que imbricadas, essas duas leituras de arbitrariedade são distintas. Enquanto a primeira se opõe à noção de iconicidade, a segunda permite divisar novas perguntas de pesquisa ao abordarmos fenômenos icônicos. Para sustentar essa posição, passamos a uma breve revisão do fenômeno da iconicidade, com foco nas evidências de sua ubiquidade nas línguas naturais e nas suas características.

3. Distinção teórica e pertinência dos estudos sobre a iconicidade

Convém explicitar, desde já, que a oposição entre arbitrariedade e iconicidade – assumida na primeira interpretação da seção anterior – não é epistemologicamente adequada. De acordo com Dascal e Borges Neto (1991), as disciplinas científicas loteiam a realidade com o objetivo de investigar um conjunto de fenômenos observáveis, o que implica dizer que o mesmo fenômeno pode ser observado por diferentes autores. A questão principal é que, mesmo olhando para a mesma porção de realidade – ou, como nomeado pelos autores, objeto observacional – há um posicionamento direcionado por diferentes perspectivas teóricas que formulam, portanto, diferentes objetos teóricos. É o que acontece, por exemplo, com a arbitrariedade do signo saussureano e a iconicidade referenciada anteriormente. É comum que esses objetos teóricos sejam tratados em um mesmo nível epistemológico, como se pudessem ser comparados em um mesmo quadro teórico; no entanto, conforme argumentaremos mais adiante, esses objetos

nascem no âmbito de quadros teóricos muito distintos para que se possa fazer qualquer correlação direta.

Essa distinção é de extrema relevância pois o próprio termo “iconicidade” nunca foi definido no CLG, e tem diversas definições a depender do quadro teórico ou disciplina em que se inscreve. Nesse primeiro momento, em que pretendemos apenas ressaltar a influência da iconicidade da organização estrutural e cognitiva da linguagem, vamos entender que “um sinal em qualquer modalidade apresenta iconicidade quando sua produção ou interpretação envolve um senso de semelhança entre pelo menos algum aspecto de sua forma e algum aspecto do seu sentido” (Winter *et al.*, 2023a). Destaca-se que a relação não se dá entre uma expressão linguística e um referente no mundo, mas entre representações de forma fonológica e o sentido evocado por elas (Occhino *et al.*, 2017; Emmorey, 2014). Na esteira desse raciocínio, ao revisarmos a literatura sobre iconicidade, vamos adotar aqui os termos “forma” e “sentido”, e não “significante” e “significado”, porque nossa intenção não é a de nos inscrevermos na tradição saussureana para tentarmos explicar a iconicidade a partir de seus objetos teóricos. Pretendemos apenas descrever que tipo de fenômenos os estudos sobre iconicidade abordam, para discutir, então, se eles realmente se opõem a alguma das duas noções de arbitrariedade que divisamos na seção anterior.

O CLG assinala que onomatopeias não seriam “elementos orgânicos do sistema linguístico”, que “seu número é bem menor do que se crê” (2006 [1916], p. 83) e que elas, assim como as interjeições, seriam de “importância secundária” (2006 [1916], p. 84) ao sistema de uma língua. Ao olhar para o mesmo “lote” de realidade, trabalhos sobre a iconicidade encontram um espaço para defender que as onomatopeias não são o único fenômeno icônico nas línguas naturais. Sob este entendimento, nesta seção apresentamos ao leitor evidência de que o sistema linguístico se estrutura, em parte, a partir de relações icônicas. Para tanto, abordaremos exemplos de iconicidade em línguas de sinais e orais, e também como esse fenômeno impacta processos de aquisição, processamento e emergência da linguagem.

3.1 Iconicidade e línguas de sinais

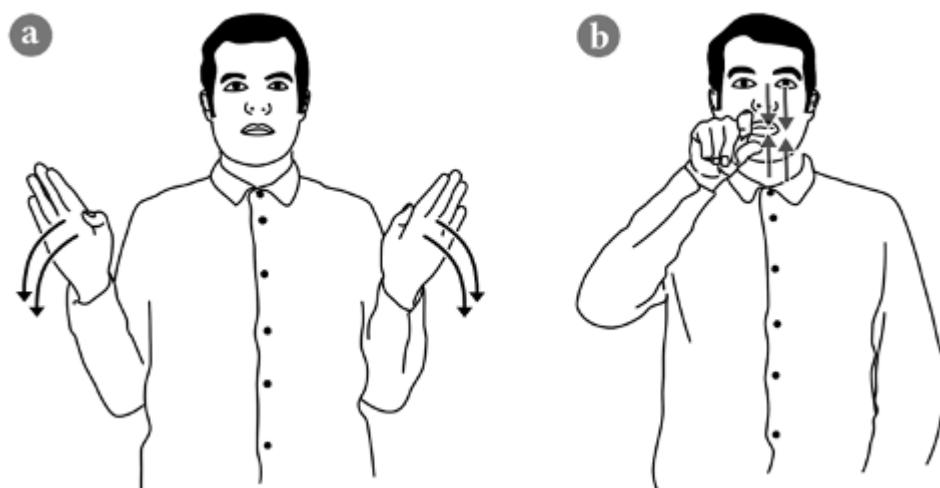
Como toda língua natural, as línguas de sinais são compostas de estruturas nas quais não se percebe qualquer relação de semelhança entre forma e sentido. Ainda assim, seu aspecto tridimensional possibilita a emergência de formas aparentemente motivadas com maior facilidade em comparação às línguas orais, havendo ampla gama de signos que podem ser classificados como potencialmente icônicos (Taub, 2001). Por esse motivo, o estudo da iconicidade se

beneficiou largamente de trabalhos linguísticos sobre as línguas de sinais (cf. Wilcox, 2004). Até hoje, as discussões mais avançadas sobre o que constitui a iconicidade se concentram majoritariamente nessa modalidade, e há evidência acumulada de que aspectos icônicos do léxico dessas línguas influenciam seu processamento, aquisição e produção (Thompson, Vinson e Vigliocco, 2009, 2010; Ormel *et al.*, 2009; Vinson *et al.*, 2008; Ortega, Sumer e Ozyurek, 2017).

Para além da compreensão sobre organização e funcionamento das línguas de sinais, o estudo de sinais icônicos tem apresentado contribuições inestimáveis para entender o papel da iconicidade nas línguas naturais de um modo mais geral. A título de exemplo, destacamos como uma comparação entre diferentes línguas de sinais evidencia que a relação icônica entre forma/sentido não resulta em signos previsíveis, mas motivados (Taub, 2001).

Para entender a diferença, recuperemos o sinal para PÁSSARO em Língua Alemã de Sinais (DGS) e em Língua Britânica de Sinais (BSL) (veja Figura 1). Nos dois casos, as formas dos sinais são claramente icônicas, evocando características que costumam estar na representação que fazemos desse conceito. No entanto, os sinais são diferentes: enquanto a DGS recupera as asas típicas de pássaros, a BSL recupera seu bico. Caso semelhante se apresenta para o sinal de árvore em Língua Americana de Sinais (ASL), Língua Dinamarquesa de Sinais (DSL) e Língua Chinesa de Sinais (ZSL), como destacam Klima e Bellugi (1979): nas três línguas o sinal recupera características do conceito de árvore, mas o fazem destacando seu tronco (ZSL), o contorno da sua copa (DSL), ou a relação da árvore emergindo do chão (ASL).

Figura 1 – Sinal de PÁSSARO em Língua Alemã de Sinais (a) e em Língua Britânica de Sinais (b)



Fonte: Adaptado de Bross (2024).

Nesses exemplos, percebe-se que a forma linguística não é inteiramente livre do conceito que pretende evocar, e, no entanto, a relação forma/sentido tampouco é absolutamente previsível. Aqui, como no caso já citado das onomatopeias, a relação icônica entre forma e sentido não prevê ou determina um signo, mas apenas o motiva (Taub, 2001). Decorre disso que alguns signos linguísticos em línguas de sinais não são sempre arbitrários no sentido imotivado do termo, mas o são no sentido de arbitrariedade-como-convenção.

Se as onomatopeias têm um lugar secundário nas línguas orais, como argumenta o CLG, o mesmo não se pode dizer dos signos motivados nas línguas de sinais. A natureza visual desses sistemas leva à criação de um grande número de sinais em que se pode perceber mapeamentos icônicos em maior ou menor grau (Perniss, Thomson e Vigliocco, 2010). Por esse motivo, o estudo dessas línguas é tão importante para se compreender que aspecto da arbitrariedade, atualmente, é de fato universal às línguas humanas.

3.2 Ideofones e iconicidade em línguas orais

Algumas línguas como japonês, basco, xhosa ou iorubá contam com uma classe específica de palavras denominadas ideofones, palavras miméticas, imitativas ou expressivas. Esses itens lexicais caracterizam-se por serem estruturalmente marcados e por evocarem aspectos sensoriais da cena que pretendem descrever (Akita e Dingemanse, 2019). Alguns exemplos em japonês são *doya-doya* (maneira como um grande número de pessoas entra ou sai ruidosamente de um lugar) e *giku-giku* (mover-se de maneira rija e desajeitada); em basco, temos *hilinki-halanka* (caminhar com dificuldade), *jitipiti-hatapata* (rastejar) (cf. Ibarretxe-Antuñano, 2019).

Com relação à sua estrutura, é comum que os ideofones tenham características fonológicas e morfológicas únicas que os distinguem de outras classes de palavras nas línguas em que ocorrem. Além de aspectos idiossincráticos em sua fonotaxe, ideofones geralmente são marcados também por certa expressividade morfológica (por meio de reduplicação, por exemplo), pela sua co-ocorrência com gestos icônicos no discurso e por sua relativa independência sintática (Akita e Dingemanse, 2019).

Falar sobre o significado de um ideofone não é tarefa fácil, pois suas propriedades semióticas são distintas daquelas de classes de palavras como nomes, verbos ou adjetivos. Do ponto de vista funcional, pode-se dizer que, enquanto verbos ou adjetivos contam algo sobre um determinado evento, ideofones “são uma tentativa de fazer a audiência ver por si mesma o que aconteceu – ou irá acontecer” (Kunene, 1965, p. 22).

Quanto ao potencial expressivo dos ideofones, estudos experimentais têm demonstrado que mesmo falantes de línguas que não contam com essa classe de palavras conseguem capturar algo de sua natureza mimética. Em um trabalho recente, Van Hoey *et al.* (2023) reportaram que participantes que não conheciam nenhuma das línguas testadas (coreano, igbo e japonês) conseguiram adivinhar o significado de ideofones em uma taxa maior do que a que seria esperada ao acaso. Os participantes também levaram menos tempo para lembrar o significado de ideofones em comparação ao tempo que levaram para lembrar o significado de adjetivos, um indício de que a característica expressiva dos ideofones influenciaria tarefas de memorização. De modo geral, os resultados se alinham a estudos mais antigos que identificaram que falantes de holandês aprendiam mais facilmente o significado de ideofones quando eles eram apresentados com seu significado real em comparação a quando eram traduzidos erroneamente como seu antônimo (Lockwood, Dingemanse e Hagoort, 2016). Além disso, esses resultados se alinham a outros trabalhos experimentais derivados de observações sobre ideofones. Westermann (1937) indica que a oposição entre grupos de vogais funcionaria, nas palavras expressivas de línguas africanas, para marcar sentidos igualmente opostos. Vogais anteriores não-arredondadas evocariam, por exemplo, cores mais claras, enquanto vogais posteriores e arredondadas evocariam tons mais escuros. Fischer-Jørgensen (1978) testou essa hipótese com cerca de 100 falantes de dinamarquês e reportou que, para eles, assim como para os falantes das línguas africanas estudadas por Westermann, essa relação se mantinha.

Tendo em vista o que se sabe hoje sobre o funcionamento dos ideofones em centenas de idiomas, parece-nos razoável que a relação motivada entre forma e sentido figure entre os tópicos de interesse de linguistas de diversas correntes teóricas que se dedicam a línguas orais. Como aponta Dingemanse (2012), o estudo dessas palavras impactou áreas da linguística que vão da morfologia não-concatenativa a tópicos como a natureza das palavras, passando ainda por temas como gradiência e iconicidade prosódica. Sua conclusão é de que, hoje, os ideofones já não são um tópico tão marginal nos estudos linguísticos, e há consenso de seu status enquanto uma classe de palavras equivalente a nomes e verbos.

Neste artigo, trazemos o exemplo dos ideofones e das línguas de sinais inicialmente para ilustrar a ubiquidade dos fenômenos icônicos nas línguas naturais, mas também para destacar o papel do contexto sócio-histórico em determinar o que se considera o padrão em termos linguísticos. Como apontam Perniss *et al.* (2010, p. 3), “o argumento de que há um “pequeno inventário” de formas icônicas em línguas orais pode funcionar para a maioria das línguas indo-

europeias, e provavelmente foi expandido para as línguas como um todo como consequência dessa perspectiva linguística eurocêntrica". Tivessem as línguas de sinais e os ideofones uma posição mais central nos círculos linguísticos do século XIX, é plausível imaginar que a caracterização do conceito de arbitrariedade no CLG talvez fosse diferente. Mesmo se considerarmos que os exemplos listados não violam aquilo que se definiu como arbitrariedade no CLG, o texto talvez fosse mais explícito sobre o uso do termo "imotivado" como caracterização de "arbitrário".

3.3 Iconicidade (para além dos ideofones) nas línguas orais: exemplos e funções

Na seção anterior, mencionamos o estudo de Fischer-Jørgensen (1978), que identificou, entre falantes de dinamarquês, padrões de associação entre som e significado semelhantes àqueles observados por Westermann (1937) em ideofones de línguas africanas relacionados à evocação de cores. Esses achados estabelecem uma conexão direta entre a organização dos ideofones e o simbolismo sonoro – ou simbolismo fonético (cf. Sapir, 1929) –, entendido como a tendência, presente em diversas línguas, de certos fonemas estarem sistematicamente associados a significados específicos. Inúmeros trabalhos identificaram que /t, k/, por exemplo, costumam ser associados a formas pontiagudas, enquanto /m, b, l/ tendem a ser associados a formas redondas, um fenômeno comumente chamado *efeito bouba-kiki* (Ramachadran e Hubbard, 2001; Styles e Gawne, 2017; Ananias e Godoy, 2023). Outro exemplo é encontrado em estudos experimentais que indicam uma tendência de associação entre a vogal /a/ e objetos grandes, e /i/ a formas pequenas (Sapir, 1929; Godoy *et al.*, 2020). Essas associações entre fonemas e categorias perceptuais são apenas algumas de dezenas outras atestadas experimentalmente (cf. Lockwood e Dingemanse (2015) para uma revisão), e seus resultados tendem a ser interpretados como evidência de que há uma predisposição humana a associar forma e sentido linguístico. Autores desses e de outros trabalhos apontam que falantes de diversas línguas estabelecem relações entre aspectos acústicos e/ou articulatórios de fonemas e propriedades físicas do mundo, o que explicaria tais associações (Ohala, 1994; Shinohara e Kawahara, 2010; Winter, 2025).

Boa parte desses trabalhos se desenvolve a partir de tarefas experimentais de nomeação que usam pseudopalavras criadas pelos participantes ou pelos pesquisadores, o que limita sua generalização sobre o papel da iconicidade na linguagem humana. No entanto, estudos de *corpora* demonstram que mesmo o léxico de línguas naturais é permeado por associações som/sentido que são sistemáticas, e, muitas vezes, motivadas.

Winter e Perlman (2021) demonstraram que a associação entre os fonemas /i/ e /a/ e as noções de pequeno e grande está presente na formação de adjetivos de tamanho na língua inglesa. A partir de análises quantitativas, verificou-se que a presença desses fonemas em adjetivos permite prever seu sentido, constituindo uma das primeiras evidências de que o simbolismo sonoro relacionado ao tamanho integra as propriedades estatísticas do léxico do inglês. De forma semelhante, Sidhu *et al.* (2021) identificaram que fonemas frequentemente associados à ideia de algo redondo, como /m/ e /b/, ocorrem com maior frequência em nomes de objetos percebidos como arredondados em inglês, enquanto fonemas como /t/ e /k/, comumente relacionados à noção de algo pontudo, são mais recorrentes em nomes de objetos pontiagudos.

Esses estudos somam-se a estudos comparativos que identificam, entre línguas de famílias distintas, a sub ou sobrerepresentação de alguns fonemas na expressão linguística que designa certos conceitos vocabulares. Blasi *et al.* (2016), a partir de análise de corpus que dava conta de cerca de dois terços das línguas do mundo, reportaram que cerca de 100 itens vocabulares básicos mostram forte associação com certos tipos de fonemas, um achado posteriormente replicado com metodologias distintas (Erben Johansson *et al.*, 2020; Joo, 2020; Erben Johansson e Cronhamn, 2023; Winter *et al.* 2022). Nesses trabalhos, encontrou-se correlação positiva entre presença de bilabiais e itens que denotam o conceito MÃE ou SEIO, vogais arredondadas e o conceito de REDONDO, vogal alta e africadas e o conceito PEQUENO, laterais e o conceito de LÍNGUA, nasais e o conceito de NARIZ, vibrante múltipla e o conceito de ÁSPERO, dentre outras associações. Isso não significa que os itens lexicais que retomam esses conceitos tenham ou precisem ter sempre esses segmentos em seu significante, mas apenas que tais segmentos estão sobrerepresentados nos itens vocabulares para esses conceitos em línguas de famílias distintas, possivelmente, segundo os autores, por motivações icônicas.

Por fim, trabalhos que usaram experimentos de percepção de iconicidade, um método em que o participante julga o quanto icônicas são as palavras do seu idioma, reportam que algumas expressões são percebidas como altamente icônicas por seus falantes (em inglês, por exemplo, temos *click*, *wiggle* (Winter *et al.*, 2023b), em espanhol, *gruñido*, *retintín* (Hinojosa *et al.*, 2021).

Esses achados instigam a refletir sobre a relevância da iconicidade para a estrutura dos sistemas linguísticos. Em particular, cabe indagar qual seria a função ou a vantagem adaptativa de preservar, no léxico das línguas, palavras que exibem padrões sistemáticos de associação entre forma sonora e significado. Uma resposta a essa questão passa por entender o papel da iconicidade na aquisição, processamento e emergência da linguagem.

Trabalhos experimentais e de corpora identificaram que palavras tidas como mais icônicas são aprendidas mais cedo pelas crianças (Perry *et al.*, 2015; Ananias, 2024) e mais facilmente por falantes de outros idiomas (Van Hoey *et al.*, 2023), além de reportarem também que adultos tendem a usar mais palavras icônicas quando falam com crianças do que quando falam entre si (Perry *et al.*, 2018; Ortega *et al.*, 2017). Ademais, também se sabe que crianças aprendem mais facilmente o significado de novos verbos quando a relação entre som e sentido dessas palavras é mais icônica (Imai *et al.* 2008). Com relação ao processamento da linguagem, há evidências de que palavras mais icônicas são acessadas mais rapidamente (Sidhu *et al.* 2020), e de que são mais resistentes a perdas decorrentes de afasia (Meteyard *et al.* 2015). Esse papel desempenhado pela iconicidade nos aspectos cognitivos da linguagem se observa também em sua emergência. Estudos experimentais e também a observação de línguas emergentes identificam o papel desse fenômeno na criação ou manutenção de signos linguísticos na modalidade oral ou visual (Tamariz, 2017; Vinson *et al.*, 2021; Moita, Abreu e Mineiro, 2023; Veras, 2024).

Os trabalhos descritos nesta seção, majoritariamente desenvolvidos nos últimos 20 anos, apontam para o interesse crescente em se entender o papel da iconicidade nos processos que constituem, estrutural e cognitivamente, a linguagem. Inicialmente restrito ao estudo das línguas de sinais, as investigações sobre iconicidade em nível lexical tem crescido também entre os trabalhos sobre línguas orais.

4. Sinais icônicos também são arbitrários

Há um número considerável de definições de iconicidade a depender do fenômeno estudado ou do quadro teórico no qual a pesquisa se insere (cf. Bross, 2024). Para a discussão que segue, convém mencionar brevemente algumas características da iconicidade que parecem emergir de uma definição específica do fenômeno: a de que a iconicidade é uma relação de similaridade entre a representação sonora e a representação conceitual de um signo (Occhino *et al.*, 2017; Wilcox, 2004). Nesse quadro, a subjetividade e a gradiência são duas características da iconicidade.

O aspecto subjetivo da iconicidade refere-se ao fato de que a percepção de uma semelhança entre representação sonora e conceito emerge da experiência de um indivíduo. Como enfatizam Occhino *et al.* (2017), essa relação não se dá objetivamente entre uma forma linguística e um referente, mas está em um “mapeamento de uma representação mental de uma forma articulatória para uma representação mental de um conceito, mediado pela experiência linguística do indivíduo” (2017, p. 104). Essa visão é corroborada por trabalhos experimentais que reportam

que a percepção de iconicidade de um sinal pode variar conforme o histórico cultural e linguístico dos avaliadores (Pizzuto e Volterra, 2000; Occhino *et al.*, 2017). A iconicidade, então, ocorre a partir de um falante que atribui relação de semelhança entre representação mental sonora e conceitual.

Apesar dessa subjetividade, padrões gerais de iconicidade podem emergir no uso cotidiano da linguagem. Quando muitos usuários de uma língua percebem relações semelhantes entre forma e sentido, essas relações podem se tornar sistemáticas no léxico e ser estudadas como parte do sistema linguístico (Taylor e Taylor, 1965). Exemplos incluem relações sistemáticas entre som e sentido descritas em estudos de simbolismo sonoro e baseadas em propriedades perceptuais e articulatórias humanas (Winter e Perlman, 2021; Ohala, 1994). Winter *et al.* (2023a) destacam que o aspecto subjetivo e aparentemente objetivo da iconicidade não estão em conflito; em vez disso, o último é uma propriedade emergente do primeiro.

Estudos experimentais desenvolvidos a partir dessa perspectiva também têm demonstrado que a iconicidade é gradiente (*e.g.* Hinojosa *et al.*, 2021 e Punselie, McLean e Dingemanse, 2024), e que o léxico não se divide entre palavras que são absolutamente icônicas, de um lado, e não-icônicas, de outro. Nesses estudos, a iconicidade é mensurada tanto por métricas subjetivas quanto objetivas.

As medidas subjetivas incluem tarefas metalinguísticas por meio de experimentos de percepção de iconicidade, nos quais participantes avaliam a iconicidade de palavras em uma escala após serem introduzidos ao conceito por meio de exemplos (Occhino *et al.*, 2017; Hinojosa *et al.*, 2021; Winter *et al.*, 2023b). Ao final, pode-se medir a iconicidade de uma palavra pela média das pontuações que lhe foram atribuídas nessa tarefa. Trabalhos que usaram experimentos de percepção de iconicidade reportam uma grande distribuição das notas médias de iconicidade ao longo de toda a escala de notas.

De maneira complementar, medidas objetivas de iconicidade seriam derivadas por meio de outras tarefas linguísticas que não requerem que o participante reflita e julgue a iconicidade dos itens experimentais. Uma dessas tarefas é o julgamento de acurácia de significados. Nesse tipo de experimento, apresenta-se auditivamente ao participante uma palavra em uma língua que ele não conhece. Na sequência, pede-se para que ele tente adivinhar seu significado a partir de duas ou mais alternativas que lhe são dadas. Estudos que lançaram mão dessa metodologia reportaram maior acurácia na identificação correta do significado para palavras que são mais icônicas, e as

taxas de adivinhação também se organizaram de maneira gradiente (Punselie, McLean e Dingemanse, 2024; McLean, Dunn e Dingemanse, 2023).

O caráter escalar da iconicidade dificulta a definição desse fenômeno como uma propriedade que estaria ou não presente em uma palavra de maneira categórica. Como consequência, torna-se problemática a definição da arbitrariedade como a ausência dessa propriedade supostamente binária. Por esse motivo, é preciso repensar como se define arbitrariedade nos estudos da iconicidade e até que ponto esse último conceito de fato se opõe ao primeiro.

Os exemplos discutidos até aqui, sobre iconicidade em línguas orais e de sinais, apresentam farta evidência de que muitas vezes há uma relação motivada entre forma e sentido nas expressões linguísticas, e de que, nessas situações, há impacto nos processos de aquisição, processamento e emergência da linguagem. Se entendermos arbitrariedade como sinônimo de não-icônico, como ocorre em parte da literatura sobre iconicidade, não é possível entender que essa seja uma característica de todo signo linguístico.

Por outro lado, os trabalhos brevemente citados na seção 3 em nada contradizem a noção de arbitrariedade-como-convenção, que ressalta o caráter convencional e coletivo dos signos linguísticos. Em consonância ao que é argumentado no CLG, mesmo partes do léxico que são altamente icônicas, como as onomatopeias, funcionam também de forma convencional. Se expandirmos o conceito para as línguas de sinais, a convenção também explica o porquê de sinais que são claramente icônicos em diversas línguas serem, também, bastante diferentes entre si, como vimos com o exemplo da Figura 1. Nesse sentido, tanto signos motivados quanto imotivados são, em última instância, arbitrários.

A arbitrariedade-como-convenção não apenas permite compreender a ocorrência e o funcionamento de signos icônicos, como também abarca as limitações inerentes a um sistema linguístico que dependesse exclusivamente de relações motivadas entre forma e sentido. Suponhamos um sistema essencialmente icônico: embora ele pudesse oferecer vantagens iniciais no processo de aquisição da linguagem, esse modelo também implicaria em custos significativos. Dois signos com sentidos próximos e formas semelhantes podem aumentar o custo cognitivo de diferenciá-los e dar margem a ambiguidades (Gasser, 2004). Nesse contexto, a iconicidade levaria à confusão, uma vez que nem forma, nem sentido poderia ser usado para discriminar dois sinais rapidamente. Isso levaria a uma pressão por palavras menos icônicas nas situações em que há uma alta presença de palavras com sentidos semelhantes. De fato, Sidhu e Pexman (2018) identificaram

que regiões de alta densidade semântica (i.e., regiões do léxico com várias palavras que se relacionam por terem sentidos semelhantes) tendem a concentrar palavras menos icônicas, enquanto regiões de densidade semântica mais esparsa concentram palavras mais icônicas.

De modo geral, percebe-se que a iconicidade organiza o léxico de línguas naturais e atua, de maneira previsível, em processos como aprendizagem e aquisição da linguagem. Em contrapartida, o fato de a linguagem natural se estabelecer por convenção permite que essa iconicidade se organize de maneira escalar, otimizando os custos associados ao processamento e à aquisição da linguagem em diferentes situações (Monaghan, Christiansen e Fitneva, 2011; Sidhu e Paxman, 2018; Brand, Monaghan e Walker, 2018).

A partir da revisão que fizemos até aqui, consideramos que a arbitrariedade, entendida como convenção, é uma característica comum a toda língua natural, independentemente de sua modalidade. Argumentar que signos icônicos não seriam arbitrários só seria possível se a arbitrariedade fosse definida de outra maneira, como uma relação imotivada entre forma e sentido na maneira como o termo “imotivado” parece ser apreendido nos estudos de iconicidade. A questão com essa escolha é que a noção de arbitrariedade passa a ser definida negativamente, o que a torna pouco produtiva.

Acreditamos – e argumentamos – que uma definição específica de arbitrariedade, a de convencionalidade, é útil mesmo em estudos que buscam estudar as relações motivadas entre forma e sentido a partir de quadros teóricos diversos, uma vez que essa parece ser uma característica fundamental da linguagem humana. Entendemos que essa discussão é relevante para estudos de iconicidade, e é nessa chave que enquadramos as discussões apresentadas nas últimas páginas. Por consequência, acreditamos que há uma série de limitações em usar os dados sobre iconicidade apresentados aqui para discutir a validade do conceito saussureano de arbitrariedade do signo.

A primeira limitação diz respeito a definir qual o sentido primordial da expressão “imotivado” dentro do CLG. Conforme argumentamos no início deste artigo, a direção argumentativa do texto e a comparação das definições de signos e símbolos possivelmente levou parte considerável dos estudos de iconicidade a entender que “imotivado” significaria “não-icônico”. Decorre daí a percepção de que fenômenos icônicos seriam um desafio à tese da arbitrariedade do signo.

Por outro lado, pode-se ler o mesmo texto com a compreensão de que a ligação entre significante e significado é imotivada no sentido de *prescindir* de qualquer tipo de motivação.

Ainda que se admita que algumas palavras sejam icônicas (um conceito nunca definido no CLG), o ponto principal é de que elas *não precisariam* sé-lo para cumprir seu papel semiótico de significar algo dentro do sistema linguístico. Uma argumentação nesse sentido é dada por Joseph (2015), em um artigo em que discorre sobre a iconicidade nos trabalhos de Saussure.

O fundamental para Saussure é que, mesmo com palavras como "miau", onde um elemento icônico parece evidente, se os gatos fossem criados para produzir um som diferente, as palavras *miau*, *mião* [onomatopeia 'miau' em chinês] e *mão* ["gato", em chinês] não deixariam de produzir significado. Elas ainda significariam o que significam agora, simplesmente porque a ligação entre significante e significado é arbitrária. Mesmo que alguns de nós inventássemos uma nova palavra para o som produzido por essa nova raça de gato e começássemos a introduzi-la em nossa fala, isso não mudaria a língua, pelo menos até que toda a comunidade de usuários da língua a aceitasse – nesse ponto, teríamos outra língua, na visão de Saussure. Mesmo assim, ainda não poderíamos ter certeza se alguém que pronunciasse a palavra, ou a ouvisse e a compreendesse, estaria experimentando-a de forma icônica ou apenas convencional¹⁰ (Joseph, 2015, p. 96).

Joseph (2015) também aponta a tendência de que a iconicidade, nos estudos que se dedicam a esse fenômeno, quase sempre é caracterizada como um traço presente ou não em uma palavra, ignorando a possibilidade de que uma expressão pode parecer icônica para alguns falantes/ouvintes, mas não para outros. Essa crítica desconsidera um dado importante e já discutido anteriormente: o de que boa parte da literatura atual sobre iconicidade a caracteriza como um fenômeno subjetivo, emergente de percepções individuais.

Embora desconsidere esses estudos recentes, a crítica de Joseph aponta um dado interessante para nossa discussão: se a iconicidade pode ser caracterizada como fenômeno subjetivo, então não há espaço para ela no quadro saussureano, que exclui de seus domínios a dimensão individual da linguagem. Podemos perceber no próprio texto do CLG indícios de que aspectos icônicos seriam desconsiderados por serem percebidos como individuais. Mencionamos aqui o trecho em que se diz que a qualidade expressiva de determinados signos era a eles atribuída: "a qualidade de seus sons atuais, ou melhor, *aquela que se lhes atribui*, é um resultado

¹⁰ "The key for Saussure, is that even with words like "meow" where an iconic element seems evident, if cats were bred so as to make a different sound, the words *meow*, *miao* and *mao* would not cease to signify. They would still mean what they mean now, just because the link of signifier and signified is arbitrary. Even if some of us made up a new word for the sound made by this new breed of cat, and began introducing it into our speech, that would not change the language, unless and until the entire community of language users accepted it - at which point we would have another language, in Saussure's view. Even then we still could not be sure whether someone uttering the word, or hearing and understanding it, was experiencing it iconically or just conventionally" (Joseph, 2015, p. 96).

fortuito da evolução fonética” (CLG, p. 83, grifo nosso). Sendo um fenômeno de origem subjetiva, qualquer desdobramento acerca da iconicidade estaria fora do recorte proposto pelo CLG.

Não se pode, então, questionar a validade das categorias de análise de um quadro teórico a partir de um fenômeno que não pode ser definido a partir de seus pressupostos. Ainda se considerarmos os exemplos que demos dos efeitos da iconicidade em aspectos cognitivos da linguagem, como aquisição e processamento, devemos lembrar que tais efeitos já operam em fenômenos que, no quadro saussureano, são alheios à Linguística e caberiam a outras disciplinas. O que se pode fazer, a partir de um conceito de iconicidade, é criticar o recorte saussureano e propor outros objetos e limites para a Linguística – o que a Linguística do século XX fez –, de forma que os objetos criados dentro de novos campos teóricos sejam construídos a partir dos seus pressupostos.

Nesse sentido, reiteramos que parece pouco produtivo aos estudos de iconicidade construir seu objeto em oposição ao conceito de arbitrariedade saussureana. Além de uma incompatibilidade epistemológica, entendemos que a negação do conceito de arbitrariedade a partir do entendimento de arbitrário como simplesmente não-icônico ofusca tópicos interessantes de pesquisa na área, especialmente aquelas que se dedicam a investigar como se dá a convencionalização de signos icônicos. Por exemplo, se palavras icônicas de sentidos semelhantes têm formas diferentes entre as línguas, o que causa essas diferenças? Quais os aspectos fonológicos (da língua), culturais (da comunidade de fala) ou processuais (do falante) pressionam para a escolha de uma forma específica para uma palavra icônica? Por fim, tratar arbitrário como antônimo de icônico acaba por criar a falsa sensação, já discutida na seção 4, de que a iconicidade seria uma propriedade binária das palavras, algo que não está de acordo com os estudos empíricos da área.

Como já dissemos, expressões como “não-icônico”, “imotivado” ou “pouco icônico” descrevem melhor aquilo que a maioria da literatura sobre iconicidade insiste em identificar como arbitrário. Deixar de usar “arbitrário” como antônimo de “icônico” abre espaço para uma abordagem mais compreensiva do fenômeno da iconicidade, o que deve incluir também o estudo de suas formas de convencionalização.

5. Considerações finais

Neste artigo, defendemos que o conceito de arbitrariedade do signo linguístico, tal qual reproduzido por parte das pesquisas sobre a iconicidade, precisa ser revisitado. Para tanto,

inicialmente propusemos que a argumentação do CLG permite divisar duas leituras para a arbitrariedade do signo: a arbitrariedade-como-imotivado, segundo a qual não haveria relação motivada entre significado e significante, e a arbitrariedade-como-convenção, que pressupõe o valor do signo como estabelecido por acordo coletivo, e não por uma necessidade natural. Conforme demonstramos, boa parte da literatura de iconicidade define arbitrário a partir da primeira leitura, o que leva à definição de icônico como antônimo de arbitrário.

Esta oposição leva a crer que itens linguísticos icônicos vão de encontro ao princípio de arbitrariedade do signo proposto no CLG, uma posição que deve ser vista com cautela. Conforme argumentamos, a equiparação de arbitrário e icônico é resultado de uma incongruência teórica, pois esses são objetos construídos em quadros distintos. O próprio termo “iconicidade” é encontrado em diferentes marcos teóricos ao longo do século XX e XXI, como na Semiologia, para Charles Peirce, e no Funcionalismo, para Givón. Isso reforça a ideia de que, mesmo que os autores olhem para um mesmo fenômeno empírico, seu tratamento em um nível teórico o transforma em diferentes objetos, mesmo que se apresentem sob o mesmo rótulo.

A definição de iconicidade assumida neste trabalho argumenta que esse fenômeno é intrinsecamente subjetivo (Occhino *et al.*, 2017). Entendendo a iconicidade por essa chave, pode-se argumentar que não há, no CLG, espaço para ela: afinal, a obra delimita como objeto da linguística o aspecto social (e, portanto, convencional) da língua, relegando a outras disciplinas fenômenos individuais e subjetivos da linguagem (Joseph, 2015).

Conforme demonstra nossa revisão, fenômenos icônicos não constituem dados anômalos ou minoritários no cenário das línguas naturais. Ampla literatura apresenta evidência empírica de sua existência e de seu papel na organização estrutural e cognitiva da linguagem. A iconicidade, em modalidade visual ou oral, pode manifestar-se em padrões fonético-fonológicos enraizados em propriedades articulatórias e/ou acústicas dos sons, influenciando a aquisição da linguagem, o processamento lexical e mesmo a organização estrutural do vocabulário das línguas. Em que pese as ressalvas de se olhar para a iconicidade a partir do marco teórico do CLG, entendemos que a noção de arbitrariedade-como-convenção apresenta a esse fenômeno novas perguntas de pesquisa. Uma vez que motivação não é previsibilidade, e que elementos icônicos também são socialmente convencionalizados por uma comunidade de fala (cf. Seção 4), cabe também aos estudos sobre iconicidade compreender como se estabelece essa convenção.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq e à CAPES pelo financiamento concedido às autoras para a realização deste trabalho.

Referências

- AHLNER, F.; ZLATEV, J. Cross-modal iconicity: A cognitive semiotic approach to sound symbolism. *Sign Systems Studies*, v. 38, n. 1/4, p. 298-348, 2010.
- AKITA, K.; DINGEMANSE, M. Ideophones (Mimetics, Expressives). In: ARONOFF, M. (Ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford; Nova York: Oxford University Press, 2019.
- AKUMBU, P. W.; FLAKSMAN, M. A. Studies in Lexical Iconicity. *SKASE Journal of Theoretical Linguistics*, v. 22, n. 2, hal-05203924, 2025.
- ANANIAS, T. C. A iconicidade e a aquisição de palavras do português. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.
- ANANIAS, T. C.; GODOY, M. C. Dando nomes: o efeito kiki-bouba em experimento de nomeação livre. *Revista Linguística*, v. 39, n. 2, p. 57-74, 2023.
- BENVENISTE, É. A natureza do signo linguístico. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005 [1939].
- BLASI, D. E.; WICHMANN, S.; HAMMARSTRÖM, H.; STADLER, P. F.; CHRISTIANSEN, M. H. Sound-meaning association biases evidenced across thousands of languages. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 113, n. 39, p. 10.818-10.823, 2016.
- BRAND, J.; MONAGHAN, P.; WALKER, P. The changing role of sound-symbolism for small versus large vocabularies. *Cognitive Science*, v. 42, p. 578-590, 2018.
- BROSS, F. What is iconicity? The view from sign languages. *Sign Language & Linguistics*, v. 27, n. 1, p. 73-102, 2024.
- DASCAL, M.; BORGES NETO, J. De que trata a lingüística, afinal? *Histoire Épistémologie Langage*, v. 13, n. 1, p. 13-50, 1991.
- DINGEMANSE, M. Advances in the cross-linguistic study of ideophones. *Language and Linguistics Compass*, v. 6, n. 10, p. 654-672, 2012.
- EMMOREY, K. Iconicity as structure mapping. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 369, n. 1.651, 2014.
- ERBEN JOHANSSON, N.; CRONHAMN, S. Vocal iconicity in nominal classification. *Language and Cognition*, v. 15, n. 2, p. 266-291, 2023.
- ERBEN JOHANSSON, N.; ANIKIN, A.; CARLING, G.; HOLMER, A. The typology of sound symbolism: defining macro-concepts via their semantic and phonetic features. *Linguistic Typology*, v. 24, n. 2, p. 253-310, 2020.
- FISCHER-JØRGENSEN, E. On the universal character of phonetic symbolism with special reference to vowels. *Annual Report of the Institute of Phonetics University of Copenhagen*, v. 12, p. 75-89, 1978.

GODOY, M.; DUARTE, A. C. V.; SILVA, F. L. F.; ALBANO, G. F.; SOUZA, R. J. P.; PAIVA MACENA, Y. U. A. Replicando o efeito takete-maluma em português brasileiro. *Revista do GELNE*, v. 20, n. 1, p. 87-100, 2018.

GODOY, M. C.; DE SOUZA FILHO, N. S.; DE SOUZA, J. G. M.; FRANÇA, H. A. N.; KAWAHARA, S. Gotta Name'em All: An Experimental Study on the Sound Symbolism of Pokémon Names in Brazilian Portuguese. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 49, n. 5, p. 717-740, 2020.

GROTE, Erika; LINZ, Klaudia. The influence of sign language iconicity on semantic conceptualization. In: MÜLLER, Wolfgang G.; FISCHER, O. (Org.). *From sign to signing*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003. p. 23-40.

HINTON, J.; NICHOLS, J.; OHALA, J. J. (Ed.). *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HINOJOSA, J. A.; HARO, J.; MAGALLARES, S.; DUÑABEITIA, J. A.; FERRÉ, P. Iconicity ratings for 10,995 Spanish words and their relationship with psycholinguistic variables. *Behavior Research Methods*, v. 53, n. 3, p. 1.262-1.275, 2021.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Towards a semantic typological classification of motion ideophones: the motion semantic grid. In: AKITA, K.; PARDESHI, P. (Ed.). *Ideophones, Mimetics and Expressives*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2019. p. 137-166.

IMAI, M.; KITA, S. The sound symbolism bootstrapping hypothesis for language acquisition and language evolution. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 369, n. 1.651, 2014.

IMAI, M., KITA, S., NAGUMO, M., & OKADA, H. Sound symbolism facilitates early verb learning. *Cognition*, v. 109, n. 1, p. 54-65, 2008.

JOO, I. Phonosemantic biases found in Leipzig-Jakarta lists of 66 languages. *Linguistic Typology*, v. 24, p. 1-12, 2020.

JOSEPH, J. E. Iconicity in Saussure's Linguistic Work, and why it does not contradict the arbitrariness of the sign. *Historiographia Linguistica*, v. 42, n. 1, p. 85-105, 2015.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KUNENE, D. P. The ideophone in Southern Sotho. *Journal of African Languages*, v. 4, p. 19-39, 1965.

LOCKWOOD, G.; DINGEMANSE, M.; HAGOORT, P. Sound-symbolism boosts novel word learning. *Journal of Experimental Psychology*, v. 42, n. 8, p. 1.274, 2016.

LOCKWOOD, G.; DINGEMANSE, M. Iconicity in the lab: A review of behavioral, developmental, and neuroimaging research into sound-symbolism. *Frontiers in Psychology*, v. 6, p. 1.246, 2015.

MAGNUS, M. A history of sound symbolism. In: *THE OXFORD handbook of the history of linguistics*. 2013.

METEYARD, L.; STOPPARD, E.; SNUDDEN, D.; CAPPA, S. F.; VIGLIOCCO, G. When semantics aids phonology: a processing advantage for iconic word forms in aphasia. *Neuropsychologia*, v. 76, p. 264-275, 2015.

MOITA, M.; ABREU, A. M.; MINEIRO, A. Iconicity in the emergence of a phonological system. *Journal of Language Evolution*, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2023.

- OCCHINO, C.; ANIBLE, B.; WILKINSON, E.; MORFORD, J. P. Iconicity is in the eye of the beholder: How language experience affects perceived iconicity. *Gesture*, v. 16, n. 1, p. 100-126, 2017.
- OHALA, J. J. The frequency code underlies the sound-symbolic use of voice pitch. In: HINTON, J.; NICHOLS, J.; OHALA, J. J. (Ed.). *Sound Symbolism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 325-347.
- ORMEL, E.; HERMANS, D.; KNOORS, H.; VERHOEVEN, L. The role of sign phonology and iconicity during sign processing: the case of deaf children. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 14, n. 4, p. 436-448, 2009.
- ORTEGA, G.; SÜMER, B.; ÖZYÜREK, A. Type of iconicity matters in the vocabulary development of signing children. *Developmental Psychology*, v. 53, n. 1, p. 89, 2017.
- PERNISS, P.; VIGLIOTTO, G. The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 369, n. 1651, p. 20130300, 2014.
- PERNISS, P.; THOMPSON, R. L.; VIGLIOTTO, G. Iconicity as a general property of language: evidence from spoken and signed languages. *Frontiers in Psychology*, v. 1, p. 227, 2010.
- PERRY, L. K.; PERLMAN, M.; LUPYAN, G. Iconicity in English and Spanish and its relation to lexical category and age of acquisition. *PloS One*, v. 10, n. 9, p. e0137147, 2015.
- PICHON, E. La linguistique en France: problèmes et méthodes. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, Paris, v. 34, p. 25-48, 1937.
- PIZZUTO, E.; VOLTERRA, V. Iconicity and transparency in sign languages: a cross-linguistic cross-cultural view. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Ed.). *The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima*. [S. I.:] Lawrence Erlbaum Associates Publishers. p. 261-286.
- RAMACHANDRAN, V. S.; HUBBARD, E. M. Synesthesia—A Window into Perception, Thought and Language. *Journal of Consciousness Studies*, v. 8, n. 12, p. 3-34, 2001.
- SAPIR, E. A study in phonetic symbolism. *Journal of Experimental Psychology*, v. 12, n. 3, p. 225-239, 1929.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].
- SHINOHARA, K.; KAWAHARA, S. A cross-linguistic study of sound symbolism: The images of size. In: Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, p. 396-410, 2010.
- SIDHU, D. M.; PEXMAN, P. M. Five mechanisms of sound symbolic association. *Psychonomic Bulletin & Review*, v. 25, n. 5, p. 1.619-1.643, 2018.
- SIDHU, D. M.; WESTBURY, C.; HOLLIS, G.; PEXMAN, P. M. Sound symbolism shapes the English language: the maluma/takete effect in English nouns. *Psychonomic Bulletin & Review*, v. 28, n. 4, p. 1.390-1.398, 2021.
- STYLES, S. J.; GAWNE, L. When does maluma/takete fail? Two key failures and a meta-analysis suggest that phonology and phonotactics matter. *i-Perception*, v. 8, n. 4, p. 2041669517724807, 2017.

- TAMARIZ, M. Experimental studies on the cultural evolution of language. *Annual Review of Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 389-407, 2017.
- TAUB, S. F. *Language from the Body: Iconicity and Metaphor in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- THOMPSON, R. L.; VINSON, D. P.; VIGLIOTTO, G. The link between form and meaning in American Sign Language: lexical processing effects. *Journal of Experimental Psychology*, v. 35, n. 2, p. 550, 2009.
- VAN HOEY, T.; THOMPSON, A. L.; DO, Y.; DINGEMANSE, M. Iconicity in ideophones: Guessing, memorizing, and reassessing. *Cognitive Science*, v. 47, n. 4, e13268, 2023.
- VERAS, I. P. M. P. A percepção da iconicidade por sinalizantes de libras: um estudo comparativo de línguas de sinais estáveis e língua de sinais emergente. 2024.
- VINSON, D. P.; CORMIER, K.; DENMARK, T.; SCHEMBRI, A.; VIGLIOTTO, G. The British Sign Language (BSL) norms for age of acquisition, familiarity, and iconicity. *Behavior Research Methods*, v. 40, n. 4, p. 1.079-1.087, 2008.
- VINSON, D.; JONES, M.; SIDHU, D. M.; LAU-ZHU, A.; SANTIAGO, J.; VIGLIOTTO, G. Iconicity emerges and is maintained in spoken language. *Journal of Experimental Psychology*, v. 150, n. 11, p. 2.293, 2021.
- WESTERMANN, D. Laut und Sinn in einigen west-afrikanischen Sprachen. *Archiv f. vergl. Phonetik I*, p. 154-172, 1937.
- WILCOX, S. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed language. *Cognitive Linguistics*, 2024.
- WINTER, B. The size and shape of sound: The role of articulation and acoustics in iconicity and crossmodal correspondences. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v. 157, n. 4, p. 2.636-2.656, 2025.
- WINTER, B.; WOODIN, G.; PERLMAN, M. Defining iconicity for the cognitive sciences. *OXFORD Handbook of Iconicity in Language*. 2023a.
- WINTER, B.; LUPYAN, G.; PERRY, L. K.; DINGEMANSE, M.; PERLMAN, M. Iconicity ratings for 14,000+ English words. *Behavior Research Methods*, 2023b.
- WINTER, B.; SÓSKUTHY, M.; PERLMAN, M.; DINGEMANSE, M. Trilled /r/ is associated with roughness, linking sound and touch across spoken languages. *Scientific Reports*, v. 12, n. 1, p. 1.035, 2022.
- WINTER, B.; PERLMAN, M. Size sound symbolism in the English lexicon. *Glossa*, v. 6, n. 1, p. 1-13, 2021.